

A BONECA DE TRANÇAS⁸

Celma Prata

O lugar é um autêntico forte contemporâneo, com câmeras espiãs por toda parte, trancas eletrônicas e paredes blindadas, à prova de intrusos.

Impossível invadi-lo, garantem os especialistas em combates.

– *Mas nem na calada da noite?*

– *Nem assim.*

Ao ser desafiado, sinto aflorar instintos adormecidos. Impulsos destruidores, involuntários, dolosos e homicidas. É a minha essência, não há como mudar. Nasci amaldiçoado, eterno e imortal. Pertencço a uma linhagem milenar de inimigos invisíveis. Alimento-me da imprudência e imperícia dos tolos.

Questiono-me se seria a ingenuidade a minha principal cúmplice.

Ingresso, pois, pela entrada principal, à luz do dia, de braços dados com um desses inocentes úteis.

Enjaulado em um minúsculo saguão, aciono o mecanismo da segunda porta teoricamente intransponível. Esnobo os alertas de acesso a estranhos. Não sou um estranho. Sou, quando muito, a visita indesejada e despudorada que se aproveita da negligência a etiquetas sanitárias básicas.

Acedo a um longo corredor, ladeado por portas à esquerda e à direita. Ao fundo, brilha uma paisagem litorânea que muda conforme o humor tecnológico. Marcho hipnotizado a tempo de alcançar o pôr do sol.

Quem sente falta da natureza viva com esse perfeito faz de conta?

8. Finalista do Prêmio Jabuti 2021.

Na travessia ao poente conto quinze portas, oito de um lado e sete do outro. A maioria delas se mostra hostil, com cestas suspensas, nas quais abundam aventais e outras tralhas. Algumas, no entanto, se abrem em saudações de boas vindas. Sinto-me acolhido como não acontecia há muito.

Em um dos aposentos cordiais, uma menina de aparentes sete ou oito anos tagarela com a sua boneca.

– *Minha mãe prometeu que vai me dar tranças iguais às suas. Vou ficar tão linda quanto você.*

A boneca limita-se a olhar impassível a cabeça lisinha da amiga que, inspirada, cantarola a trilha de uma famosa fábula.

“... Por uma vez na eternidade

Essas luzes vão brilhar

Por uma vez na eternidade

A noite inteira vou dançar...”

Adiante, um homem de meia-idade cochila abraçado às letras que lhe tocam o peito. Os óculos, esquecidos sobre o nariz, o protegem da invasão de sonhos míopes.

– *Olá, dorminhoco!*

– (...)

– *Assustei você?*

– (...)

– *Costumo dizer que tardo, mas não falho!*

– (...)

– *Engoliu a língua? Vamos começar?*

– *Estou às ordens.*

– *Algum desconforto?*

– *Até agora não.*

– *Ótimo!*

– *O que leu hoje?*

– *O futuro.*

– *Promissor?*

– *Bastante!*

– *Graças!*

A certa altura da passarela, um nicho expande-se feito barriga que desdenha uma nutrição balanceada. Uma miniacademia de ginástica... Quem aqui precisa se exercitar?

– *Cheguei! Já caminhou hoje?*

– *Não.*

– *Vamos agora?*

– *E eu tenho outra alternativa?*

– *Sedentarismo diminui a imunidade, sabia?*

Atravesso duas estações de trabalho, face a face. Ocupantes sussurram entre si, à medida que mexem em papéis, atendem chamadas, escutam reivindicações e dedilham agilmente em teclados.

– *Poderia ajustar a temperatura, por gentileza? Está muito frio.*

– *Sinto muito, mas não é possível, senhor.*

– *Viu alguém de máscara no metrô?*

– *Ninguém.*

– *Pessoal fala que é como uma gripezinha.*

– *Será?*

– *Como posso adquirir canetinhas multicores?*

– *Vou ver com a hotelaria.*

– *Grata!*

– *Vim devolver esses produtos. Só deveríamos consumir alimentos orgânicos. Aqui, principalmente.*

– *Nossas regras não permitem devolução.*

- *Então vou doá-los ou descartá-los.*
- *Sinta-se à vontade.*
- *Vejo um aspecto positivo nisso tudo.*
- *Qual?*
- *Vão parar de se beijar e se abraçar o tempo inteiro.*
- *Pois eu adoro abraços.*
- *Também gosto, mas aqui é um exagero.*
- *Discordo.*
- *Por favor, necessito de um cobertor!*
- *Pois não!*
- *Reponha a água mineral, por favor!*
- *Com certeza!*
- *Vocês teriam o contato de um aparthotel nas redondezas?*
- *Já informo.*

No aposento seguinte, a verborreia de duas mulheres abafa a eloquência do apresentador de um telejornal.

- *Insano, irresponsável, genocida!*
- *Não tenho raiva dele, e sim de quem o colocou e o sustenta lá.*
- *Fascistas! Milicianos assassinos, travestidos de patriotas democratas. Enrolam-se no pavilhão verde-amarelo, idolatram torturadores e clamam pela volta da ditadura.*
- *Vamos ver quando toparem em pilhas de cadáveres à porta de casa.*
- *Precisamos nos unir para tirar esse déspota.*
- *Nossa democracia está em risco, nossas vidas também.*
- *Quando as pessoas “de bem” enxergarão isso?*
- *Quando sepultarem seus mortos.*
- *Eu já enterrei minha esperança.*

– *A minha está somente escondida, aguardando a hora certa para mostrar a cara novamente.*

A empática dupla feminina confia miudezas, enquanto suplica a bênção de uma delicada escultura – atada a um rosário – que reina em um altar improvisado na mesinha do telefone.

– *Que a nossa santa nos proteja!*

– *Amém!*

– *Sinto dores na lombar.*

– *São as dores do bem!*

– *Qual é mesmo a senha do cofre?*

– *Dia e mês do meu nascimento.*

– *2302?*

– *Exato!*

– *Sonhei que a minha mãe morria em um acidente.*

– *Isso não é sonho, é pesadelo.*

– *Ela tinha ido visitar a mãe dela, minha avó, no campo.*

– *E?*

– *Minha avó faleceu há anos.*

– *Cruz credo! Você deve estar impressionada com a violência na tevê. Vamos escolher outra programação.*

Mediante a cortesia do último umbral, distingo um casal à beira dos setenta a fitar, cada um, o próprio deserto. Não compartilha mais nem o olhar indiferente. Medo de petrificar um ao outro? Acordes de uma partitura fúnebre arrematam o cenário dramático.

Um comentário desvairado atropela minhas pegadas.

– *Arrepiado! Quando eu tive depressão, escutava sem parar essa marcha de Chopin. Hoje estou curado, mas continuo a ouvi-la.*

Em três tempos, portanto, miro um punhado de escravos da euforia e da tristeza na fortaleza supostamente invulnerável.

A exploração superficial aguça minha curiosidade a respeito de quem se abriga por trás das portas hostis e o que sinalizam as caricaturas legendadas afixadas em alguns pórticos. Seriam “Anna”, “Pocahontas”, “Thor” e “Elsa” guardiões da infância?

Protestos gratuitos estouram aqui e ali contra a escassez de horizontes naturais. Áreas a céu aberto não me apeteçam. Causa-me repulsa o bailado verde espelhado nas vidraças geminadas das janelas ditas privilegiadas. Prefiro o painel luminoso da galeria central que me transporta velozmente – e em segurança – do verão na praia às montanhas geladas.

Embrenho-me em uma saleta violada por feixes solares que perfuram a extensa lâmina transparente e deformam os rostos silenciosos apoiados em antebraços preguiçosos. Sobre o tampo redondo, pratos engordurados ainda exalam o aroma recém-devorado. Empanturrados, os gulosos reservam-se a ousadia de subverter o ritual da convivência.

E assim, entre auroras e ocasos, amplio meus conhecimentos acerca dos que aqui transitam ou habitam, embora suas expectativas e delírios não me interessem. Não quero saber de onde vêm, se são maus, bons, crianças, jovens, velhos, culpados ou inocentes. Quero tão somente identificar os eleitos.

Há os que falam de temas que me dizem respeito como se eu estivesse ausente. Nem o sofrimento lhes mina a arrogância e a prepotência. Acreditam que tudo se resume a mérito, e eles, obviamente, não merecem morbo ou morte, ou seja, não se consideram humanos.

– Está difícil. Não sei como manter as crianças em confinamento e felizes.

– Pois a minha única preocupação é levar comida para casa.

– Como fazer isolamento social em moradias abarrotadas?

– E higienizar as mãos sem água?

– *Ninguém está a salvo. Ou a gente se preocupa com o outro ou a gente morre. A saúde de qualquer pessoa me afeta.*

– *Só podia ter vindo da China.*

– *As máscaras vão cair.*

– *Mais ainda?*

– *Muito mais! Estamos em guerra. Em situações extremas todos se mostram como realmente são.*

– *Certamente! Pessoas que se pensavam humanistas, agora são fascistas, incitam o ódio.*

– *Então já eram fascistas.*

– *Concordo! Apenas caíram as máscaras.*

Existem também os que filosofam sobre o “novo normal” no futuro próximo, como se houvesse harmonia e equilíbrio na existência ordinária que levaram até então.

Bisbilhoteiros alastram exaustivamente a versão hegemônica quanto a minha desumanidade desmedida, mas se acovardam perante a tragédia anunciada e não se preparam adequadamente para o confronto.

– *Ele é perverso, atroz, impiedoso, não respeita origem, idade, etnia, gênero, crença, orientação política, sexual ou moral, condições físicas ou classe social.*

Grande parte do universo se ofenderia com tais referências, mas nada disso me atinge ou constrange. Sei o que sou e não há o que contestar.

Mantenho-me na busca por falhas técnicas. Persigo leitões andarilhos nos labirintos da cidadela. Essas aventuras auxiliam-me a dominar o espaço. Estou atento a tudo. Estudo as armas utilizadas pelo adversário e em quais flancos posso atacá-lo de forma mais contundente. Além da sua couraça, tenho que driblar o fluxo e a pressão do ar para não ser deportado.

- *Olá! Alguém chamou a lavanderia?*
- *Bom dia! Como o senhor entrou?*
- *Pelos fundos.*
- *A senhora está sem máscara!*
- *Ah! Foi só por um minutinho.*
- *Você não pode me tocar sem luvas!*
- *Perdão!*
- *Não entre com os sapatos que usa lá fora!*
- *Esqueci, desculpe!*

Excepcionalmente, avisto cartazes com apelos francos.

“Dispenso cumprimentos de mãos, beijos e abraços.”

“Não me visite como se fosse a uma festa, com sedas e perfumes.”

“Se gosta de mim, fique em casa, há outras formas de demonstrar carinho.”

Um aglomerado insólito tumultua as ilhas laborais.

- *Aonde vão?*
- *Realizar um procedimento.*
- *Onde?*
- *Perto daqui.*
- *Quem vai levá-los?*
- *Não sei.*
- *Posso ir com vocês?*
- *Creio que sim.*

Detecto ali uma boa oportunidade de ataque. Apresso-me e colo nos fujões. Deslizo por rampas contínuas até ser despejado em um furgão branco listrado de vermelho. Diversificam-se os panoramas anteriormente ofertados pelas frestas da fortaleza. Os matizes grotescos e a brisa sufocam-me. Carros e pedestres

movem-se ordenadamente, como formigas em prenúncio de chuva. Duas horas depois, finalmente, a porta familiar fecha-se às minhas costas.

Retorno para enfrentar, dentre outros desgostos, o manuscrito inspirado em Cecília Meireles que macula um imenso mural branco.

“As pequenas felicidades certas estão diante de cada janela. Basta saber olhar.”

Criaturas estúpidas que evocam a felicidade a todo instante, embora atestem que, grande ou pequena, é algo inalcançável, pertencente ao ontem ou ao amanhã. Suas ilusões e desatinos não me desviarão da minha missão.

A reescrita de um antigo adágio mancha a cartolina cinza pálido que pende do teto.

“Uma mão lava a outra e ambas salvam vidas.”

Essa gente se nutre especialmente de conceitos rasteiros. Veremos se a inútil retórica suprirá suas necessidades vitais no “Dia-D” que se aproxima.

Espreito exames intermináveis operados por batalhões enfiados em carapuças ineficazes, traídos pela rotina extenuante ou pelo excesso de autoconfiança. Minha sobrevivência depende desses robôs relapsos.

– Exijo mais atenção, por favor! É a terceira vez, em dois dias, que venho ao banco de sangue para o mesmo procedimento.

– Qual?

– Tipagem.

– É um teste simples.

– Imagina se não fosse.

– Precisaremos de dez doadores.

– De que tipo?

– Qualquer um.

- *Não conheço ninguém na cidade.*
- *Que tal uma campanha nas redes?*
- *“Redes”?*
- *Sim, redes sociais.*
- *Não sou usuário.*
- *Pode ser uma fonte rica de solidariedade.*
- *E de maldade também.*
- *Paciência ...*
- *E se eu não conseguir os doadores?*
- *Consegue! Ainda há gente boa no mundo.*

Rodopio por entre instalações tridimensionais em forma de cortinas e biombos brancos que não me despertam nada, exceto nojo.

- *Tive outro pesadelo horrível.*
- *Todos os pesadelos são medonhos, mas são só fantasia.*
- *Eu morria ...*
- *Somos mortais.*
- *Eu sei.*
- *Mas podemos ser eternos.*
- *Como?*
- *Viveremos enquanto formos lembrados.*
- *Estou angustiada.*
- *Não pense mais nisso, vai dar tudo certo.*
- *Eu sei que todos morreremos um dia, mas não quero partir agora, ainda tenho muito para fazer.*

Os finais de tarde são desperdiçados em trocas de afeto.

A menina renuncia à boneca para divertir-se no recinto esportivo. A cena encanta dois passantes que se ajuntam no chão desajeitadamente. O jogo consiste em falar a primeira coisa que vier à

mente ao ler a palavra impressa nas tirinhas pescadas em uma sacola de plástico. O raciocínio infantil é extremamente ágil, ao nível da minha exaltada celeridade.

- Mar!
- *Liberdade; Azul; Vento; Viagem.*
- Amor!
- *Doação; Amizade; Alegria; ...*
- Vermelho!
- *Cura; Sangue; Vida; Paixão.*
- Fada!
- *Princesa; Sonho; Castelo; ...*
- Família!
- *Saudade; Amor; Abraço; Irmãos.*
- Boneca!
- *Anna; Brinquedo; Amiga; ...*
- Felicidade!
- *Sorvete de chocolate; Sorriso; Festa.*
- Esperança!
- *Tranças; Fé; Verde; Filhos.*
- Bola!
- *Praia; Criança; Jogo; Futebol.*
- Bicicleta!
- *Parque; ET; Capacete; Domingo.*

Ao largo, um triciclo estampado com a figura de um martelo mágico e pilotado por um menino de cerca de dois anos obriga combatentes hesitantes a avançarem em zigue-zague.

- *Conheci toda a equipe.*
- *O que achou?*

- *Todos muito humanizados.*
- *Excelente!*
- *E parecem igualmente competentes.*
- *Esse detalhe é o mais importante.*

Com o passar dos dias, revelo-me cada vez mais afoito. Dou escapadelas com frequência. Vagueio por corredores frios, cruzo exércitos brancos, verdes ou azuis nauseantes – ainda se fossem paletas em tons terrosos – e capto fragmentos de diálogos que não fazem o menor sentido.

- *Bloquearam o primeiro andar.*
- *O único acesso é pela escada.*
- *Vamos almoçar em um local diferente?*
- *Hoje não posso.*
- *Chegou da Itália.*
- *É idoso?*
- *Tem mais de sessenta.*
- *Vou aguardar aqui.*
- *Há uma saleta logo ali, sente-se, beba um chá, leia uma revista...*
- *Até agora não me chamaram, penso que sou a próxima.*
- *Preciso dar uma carga no celular, tem um cabo aí para emprestar?*
- *Isso aqui é um verdadeiro labirinto.*
- *Onde fica a cafeteria?*
- *No quinto!*
- *O carrinho do chá já passou?*

Entro na caixa de aço que sobe e desce incessantemente, lotada de falantes que se ignoram.

– O governador milionário ofereceu um mil reais para cada família desabrigada. Um escárnio! Queria ver se ele conseguiria refazer a vida com essa mísera quantia.

– Meu amor, vou chegar mais tarde.

– Ela chegou de viagem gripada, com febre, vai ficar de quarentena.

– Onde estava?

– Europa.

De volta ao solo firme, o som elevado de vozes e palmas atrai olhares e aliados.

– “Parabéns a você, nesta data querida, muita felicidade, muitos anos de vida!”

– Aniversário de quem?

– Da pega.

– “Pega”?

– Sim, é o dia dela, todos celebram.

– Hum...

Surpreendido pelo clima festivo, pergunto-me o que motiva aprisionados e encapuzados a comemorarem seja o que for. Não obtenho respostas.

À noite, o descanso reparador de muitos é profanado por gargalhadas e futricas de um grupelho insone.

– Quase meia-noite e não consigo dormir por causa do barulho.

– Desculpe, senhor, vou falar com eles.

E o quadro explode em reflexões áridas.

“A vida é muito curta para ser pequena.”

Quem cunhou essa bobagem? Ah! Benjamin Disraeli. Ouço, a contragosto, um argumento em defesa do aforismo do autor. Não bastassem as tolices escritas, ainda tenho que aturar falsos intérpretes.

– *Evite desperdiçar a vida com futilidades e inutilidades. Dar sentido à existência não significa acumular dinheiro e patrimônio. É necessário cultivar virtudes, fazer além do obrigatório, impedir que a vida se transforme em mediocridade.*

Proliferam os enigmas no inferno dos rabiscos.

“O poeta é um fingidor.

Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente.” (Fernando Pessoa)

“Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.” (Clarice Lispector)

“Uma semana mais:

mais esperança,

mais brilho,

mais força,

mais amor,

mais alegria,

mais afeto,

vida nova!” (C. P.)

“A arte existe porque a vida não basta.” (Ferreira Gullar)

Sou incapaz de decifrá-los. Além de imune a pieguices, desprezo a louvada função reveladora da arte. Há fartura de defensores da sua potência benéfica. Alegam que o simples ato de admirá-la já é o suficiente. Deve ser por isso que ela resiste. Graças ao acúmulo de cérebros estéreis.

– *Precisamos de fotos para uma homenagem.*

– *Que tipo de foto?*

– *De várias fases da vida.*

– *Para quando?*

– *O mais breve possível.*

Outra noite de vigília. Preciso agir rápido, sob pena de evaporar em álcoois e espumas.

Chega o tão almejado momento para a mulher que reage ao noticiário político com a companheira. Presentes riem e choram ao mesmo tempo. “São lágrimas de esperança e gratidão”, afirmam. Desconheço tais sentimentos. Alguém adere à parede um pedaço de papel com nomes e datas.

- *De que se trata?*
- *É o “bolão da pega”, vence quem acerta a data.*
- *O que o vitorioso ganha?*
- *Um prêmio simbólico.*
- *Daqui a um ano viajaremos todos juntos para festejarmos.*
- *Para onde você quer ir?*
- *Algarve, Portugal.*
- *Por quê?*
- *O sol de lá é mais brilhante.*
- *Maravilha!*
- *Quero luz, muita luz!*
- *A infusão já terminou?*
- *Sim!*
- *Esperava algo mais impactante.*
- *Que bom deve ser ajudar alguém com um gesto tão singelo!*

São todos desiguais e contraditórios. O oposto de mim, que ofereço unicamente dor e trevas. Cumpro a minha sina resignadamente. Expatriam-me para territórios selvagens, dominados por tropas enclausuradas, metidas em armaduras frágeis, que brincam com a cura e desacatam o luto.

- *Continuo com dores no corpo e dificuldade para respirar.*
- *Vou medir novamente sua temperatura.*

- *Trinta e oito ponto nove.*
- *Precisamos testá-lo, se der positivo, vamos removê-lo.*
- *Para onde?*
- *O senhor é religioso?*
- *Não mais.*
- *Pois reconsidere e comece a orar!*
- *“Ave Maria, cheia de graça...”.*
- *Continue!*
- *Só sei isso.*
- *“... o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.”*
- *(...)*
- *Responda!*
- *Já falei que não sei!*
- *Como quer a salvação?*
- *Pare com isso!*
- *Vamos! “Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte, amém!”*
- *(...)*
- *Confirme “Amém”!*
- *Amém!*
- *Comece de novo, vamos!*
- *Basta!*

Pela manhã, esbarro em malas empilhadas no limiar do castelo da menina. No interior, uma festinha de despedida, com música, balões coloridos personalizados, choros, gritinhos descartáveis de emoção e prazer, risos e muitas fotos. Radiante e mais agitada do que nunca, a criança está irreconhecível em seu vestido de baile cor de rosa e uma longa cabeleira trançada.

Ela solta a voz em sua canção favorita, acompanhada dos demais.

*“... Por uma vez na eternidade
Essas luzes vão brilhar
Por uma vez na eternidade
A noite inteira vou dançar...”*

Aonde esses atrevidos pensam que irão? Não podem abandonar ainda o templo dos enfermos. Haveria ali virtuosos merecedores da liberdade?

- Vou ao encontro do meu maior tesouro.*
- Qual?*
- Não é “qual”, é “quem”.*
- Quem?*
- Minha irmã.*
- Princesinha, repito, sem beijos e abraços, por favor!*
- Eu sei, doutora!*
- Promete?*
- Sim!*

Silêncio tenebroso. A fortaleza parece completamente vazia. Teriam, afinal, pressentido a minha presença? Estariam enfim derrotados? Percebo ruídos ao longe. Semblantes de pavor emergem das sombras.

- Bloquearam tudo.*
- O que houve?*
- Fomos invadidos pelo terrível inimigo.*
- Onde ele está?*
- Em todo canto.*
- Não o vejo.*

- *É invisível.*
- *Quem é ele?*
- *O vírus da COVID-19.*
- *Que doença de nome mais estranho!*
- *Foram os tecnocratas que a batizaram assim; CO de corona.*
- *“Corona”?*
- *Corona, coroa... dizem que o vírus tem o formato de uma coroa.*
- *Para onde levaram todos?*
- *A outros subterrâneos.*

Missão concluída, parto para desbravar outros baluartes. Espere! Quem surge lá, agarrado a um livro? O sonhador solitário que, para suportar a pequenez da vida, mantém as lunetas até com as pálpebras cerradas. Grudo em seu corpo e sumimos nos porões infectados.

Por sobre os derradeiros rastros moldados no piso lustroso da ala dos transplantados do hospital-modelo, jaz uma boneca escalpelada, privada da eternidade, das luzes e das danças.